

Narrativa E Conhecimento: Um Olhar Sobre O Amor Na Obra “Eugênia Grandet”, De Balzac

NARRATIVE AND KNOWLEDGE: A LOOK UPON LOVE IN “EUGÉNIA GRANDET”,
WRITTEN BY BALZAC

Marilane Maria **GREGORY**¹

Resumo: O presente ensaio, através de um breve olhar sobre o amor de Eugênia e seu primo Carlos, personagens da obra *Eugênia Grandet*, de Honoré Balzac, apresenta uma reflexão sobre o papel da literatura em nossa vida, assim como o uso das narrativas literárias como recurso, não apenas linguístico, mas também de conhecimento de mundo e de autoconhecimento. O contexto histórico tem influência na compreensão da história e do “amor” em questão e, por isso, se torna necessário verificar as convenções sociais do século XIX. O estudo é realizado à luz de referenciais teóricos, tais como Compagnon e D’Onófrio e contribui na busca de sentido da narrativa, devido a sua relevância em aspectos linguísticos, socioculturais e psíquicos na vida humana.

Palavras Chave: Literatura. Narrativa. Conhecimento. Amor.

Abstract: The present article, through a brief look upon Eugênia and his cousin’s love, characters from the book *Eugênia Grandet*, written by Honoré Balzac, presents a reflection about the literature role on our life, as wells as the use of literary narratives as a resource, not only linguistic, but also as world knowledge and self knowledge. The historical context influences on the comprehension of the story and the “love” at issue, so it becomes necessary to verify the social conventions from the 19th century. The study has been done based on theoretical references as Compagnon and D’Onófrio and contributes on the search of narrative meaning, due to its relevance on linguistic, sociocultural and psychical aspects on human life.

Keywords: Literature. Narrative. Knowledge. Love.

Introdução

Este ensaio tem como objetivo refletir sobre o papel da literatura em nossas vidas, assim como o uso das narrativas literárias como recurso, não apenas linguístico, mas também de conhecimento de mundo e de autoconhecimento. Para tal estudo, pensaremos primeiramente na razão do texto literário, ou seja, no motivo da existência da literatura. Por segundo, abordaremos o aspecto referente ao conhecimento que a narrativa traz ao leitor.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Endereço eletrônico: marilanegregory@hotmail.com.

Após a apresentação dos conceitos descritos acima, propõe-se uma reflexão sobre a representação do amor na obra *Eugênia Grandet* (1981), de Honoré Balzac, iniciando com uma breve descrição do autor e resumo da obra, em seguida, uma sucinta concepção sobre a união conjugal ao longo dos séculos, e por fim, um olhar sobre o sentimento de Eugênia e Carlos Grandet dentro do contexto e das convenções sociais do século XIX.

Histórias fazem parte do cotidiano dos homens, sejam elas do mundo real ou aquele criado pelas palavras; a narrativa nos seduz, faz rir, chorar, sentir pena, nos desperta inúmeras emoções. Muitas são as narrativas encontradas, já que o contar histórias parece ser uma estratégia encontrada pelo homem para explicar o seu entorno, principalmente os fenômenos que não consegue entender racionalmente. Cada época usa as estratégias e os suportes que conhece para narrar. A narrativa apresenta-se, pois, como uma fonte de conhecimento.

De acordo com D'Onófrio (2006), narrativa é todo o discurso que apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída de uma pluralidade de personagens que têm fatos de vida entrelaçadas num tempo e num espaço. O estudioso complementa o conceito de narrativa ao incluir o espaço de um acontecimento, bem como o tempo. Tudo acontece em um determinado lugar, o qual tem determinadas características que geralmente influenciam nas personagens e nas suas ações num determinado tempo. É isso o que o crítico citado declara: aspectos que estão presentes na vida de todos e também no mundo ficcional, até muitas vezes marcados pela sutileza, são fundamentais para a lógica da narrativa e, conseqüentemente, para a leitura.

Desde que o homem começou a estudar a arte literária, o questionamento sobre a natureza e a função da literatura tem sido assunto de muitas controvérsias. Os filósofos do mundo antigo se dedicavam ao estudo do tema, o que se pode verificar nos escritos de Platão, para quem toda a criação, até mesmo a criação divina era uma imitação da natureza verdadeira - o mundo das ideias. Platão chegou a banir os poetas de sua República ideal.

Então, qual seria a função da literatura? Esta é a reflexão que propomos a seguir.

Literatura para quê?

Este é o título do livro de Antoine Compagnon (Trad. 2009), que no decorrer das páginas nos instiga a refletir sobre a permanência da literatura como um insubstituível discurso artístico para o homem do século XXI. O mesmo aponta a utilidade e pertinência da literatura desmembrada em quatro explicações complementares.

A primeira diz respeito ao poder moral que a literatura detém e cita que “a experiência e o exemplo guiam a conduta melhor do que as regras” (COMPAGNON, 2009, p. 32). Tal é a utilidade do romance:

Cada fato que aí se traz é um grau de luz, uma instrução que substitui a experiência; cada aventura é um modelo segundo o qual podemos nos formar; só deve estar ajustado às circunstâncias em que nos encontramos. Toda obra é um tratado de moral, agradavelmente reduzido em prática. (PRÉVOST apud COMPAGNON, 2009, p.32)

O autor se refere aos conceitos de “mimese e catarse” de Aristóteles, nos quais a literatura se deleita e instrui, ao mesmo tempo, através da purgação ou purificação das emoções. “A função e valor da literatura como constituição do ser humano pelo conhecimento de si pressupõe a forma da narrativa” (COMPAGNON, 2009, p.32-33).

Não só o leitor se beneficiaria desse alívio, mas também o escritor, que é o primeiro a descarregar suas emoções nas construções poéticas. Cabe aqui questionar se haveria realmente um alívio ou, pelo contrário, as emoções seriam ainda mais instigadas.

A segunda explicação apresenta o poder da literatura como remédio, trazendo a ideia do Século das Luzes e do Romantismo onde a obra literária concede autonomia ao leitor, liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades; torna-o insubmisso.

O terceiro poder diz respeito à correção dos defeitos da linguagem que a literatura pode propiciar. A literatura fala a todo mundo, recorre à língua comum, mas faz desta uma língua particular – poética ou literária, ultrapassando os limites da linguagem ordinária. Seu aspecto transgressor é usado para avançar na representação do homem no mundo.

O quarto poder é aquele que nega qualquer poder da literatura além do exercício sobre ela mesma. A recusa de qualquer outro poder da literatura além da recreação pode ter motivado o conceito degradado da leitura como simples prazer lúdico que se difundiu na escola no fim do século. Ela é cada vez mais percebida como uma manipulação, e não mais como uma libertação. Seria a literatura, então, passível de neutralidade? O próprio autor responde de prontidão: “A literatura pode divertir, mas como um jogo perigoso, não um lazer anódino” (COMPAGNON, 2009, p. 42).

Diversos pensadores são citados no livro de Compagnon, como Kundera na passagem em que diz que:

A única moral do romance é o conhecimento; o romance que não descobre nenhuma parcela até desconhecida da existência é imoral. A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos

outros. Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores. (COMPAGNON, 2009, p. 50-51)

Não convém limitar o papel da literatura, mas admitir sua diversidade de funções ou propósitos. Além da função de renovação e aprendizado da linguagem, uma obra literária pode possuir, ao mesmo tempo, a função catártica (purificação de sentimentos), a função lúdica (provocar prazer), a função estética (arte da palavra e expressão do belo) e a função pragmática (pregação de uma ideologia).

Portanto, a literatura produz conhecimento, produz prazer, instiga e emancipa. Desta forma, a literatura tem um poder de “libertar” o indivíduo, tornando-o mais sábio, constituindo-o como sujeito, sendo uma forma de dar vazão às emoções reprimidas, além de corrigir os erros de linguagem.

Narrativa como forma de conhecimento

A arte de narrar pode ser caracterizada como a ação de levar conhecimento para alguém através da linguagem. Na verdade, o que se transmite através da narrativa não é um conhecimento “pronto”, mas a oportunidade da descoberta de algo novo por parte do leitor.

Nosso conhecimento se constrói a partir das experiências que temos, mas também através de relatos, textos e histórias contadas por outros. Aquele que narra transforma uma experiência em linguagem, por conseguinte, leva à compreensão e ao entendimento da experiência em si. Quando lemos um texto literário, colocamos em segundo plano a realidade imediata, nos distanciamos dela e entramos em um novo ambiente, um novo mundo, o mundo do texto.

Se a leitura de uma narrativa de ficção nos permite conhecer um novo mundo, ela também nos permite conhecer algo novo em nós mesmos. Então, quando falamos em conhecimento literário, podemos pensar que a narrativa, sendo esta ficcional ou não, traz uma experiência transposta em linguagem, o que leva à compreensão e ao entendimento da experiência em si. A narrativa é, portanto, uma forma de conhecer a experiência.

O assunto é abordado no artigo *Narrativas e Conhecimento* (GAI, 2009), no qual a autora comenta que através da narrativa, o leitor ou ouvinte tem a possibilidade de viver na sua imaginação uma experiência criada por outro. A autora cita Bruner (1997) trazendo a ideia de que nossa vida só pode ser apreendida pelos outros em forma de narrativa, e a nossa educação ocorre a partir das múltiplas narrativas: dos pais, dos mestres, de nós mesmos. Desta forma, o

conhecimento pode ser associado à narratividade. O ser humano se constitui a partir da linguagem, enquanto ser que narra e que se narra.

A verdade da narrativa ficcional e o conhecimento a ela inerente podem mobilizar os indivíduos leitores em sua própria vida, em suas convicções e em seu conhecimento de si, em sua subjetividade, o que significa que possui um alto potencial educativo. (GAI, 2009. p. 138)

Segundo Santoro (2010), Aristóteles através do conceito de catarse, mostra que a provocação e a transformação das emoções humanas nas obras poéticas é algo tanto ou até mais importante que a expressão de valores e conteúdos morais. Sendo assim, o conhecimento trazido pelas narrativas é algo intrínseco ao ser humano, ou seja, revela questões de natureza psíquica, relacionadas às histórias de vida, uma espécie de conhecimento de si, carregadas de sentimentos e emoções, que vivenciadas através da leitura podem ser superadas. Percebe-se, portanto, o caráter de transformação que a narrativa pode ter em relação aos indivíduos.

Para Forster (1969), a narrativa tem um elemento fundamental: a história, que faz suscitar a curiosidade do leitor para saber o que acontecerá depois de cada ação. Isso é importante, pois o leitor vai mergulhando e se prendendo à história, a fim de penetrar na proposta de sentido sugerida pela narração. O autor, o grande estrategista de uma narrativa, apresenta a sensibilidade de envolver o leitor.

Balzac, autor da obra *Eugênia Grandet*, conhecido como um excelente historiador de costumes, constrói um romance com os mínimos detalhes sócio-históricos de sua época, descrevendo minuciosamente inclusive salas, quartos e jardins. Balzac nos faz viajar em dois mundos opostos: um mundo de ambição e um mundo de ingenuidade; um mundo de simplicidade e um mundo de astúcia e jogos de poder.

Honoré de Balzac (1799-1850) e contexto histórico

O francês Honoré de Balzac era descendente de aristocratas e criticava a nova classe dominante na França pós-Revolução, o que se percebe na sua produção literária. Seu pai, um modesto funcionário, e sua mãe, uma mulher fria que não desenvolveu laços afetivos com o filho, encaminharam seus estudos rumo a um futuro de advogado. Chegou a estagiar como tabelião, mas acabou desistindo da futura carreira na advocacia, o que desagradou à família. Do pai teve a inspiração do seu otimismo e humanismo e da mãe o pessimismo, a frieza que a ele dispensou.

Balzac se notabilizou no mundo literário por ser o único escritor que viveu unicamente de sua pena. Em sua obra *A Comédia Humana* (1953) ele propõe ao todo vinte e seis títulos, estes

divididos em cenas da vida privada e estudos filosóficos. O que Balzac pretendia era construir um relato do que acontecia na França da pós-Revolução, onde triunfara a burguesia.

Na metade do século XIX, o movimento estético realista na França procura representar a realidade de uma forma objetiva, em oposição ao idealismo platônico dos românticos. Esse movimento foi o primeiro a retratar a vida das classes média e baixa, com o objetivo de mostrar uma postura anti-romântica, com ênfase no homem comum. A narrativa Realista busca descrever os ambientes, reproduzir a linguagem coloquial, mostrar a família e o regional, além da objetividade na descrição e análise dos personagens.

Honoré de Balzac, autor da obra *Eugênia Grandet*, foi precursor do Realismo literário. *Eugênia Grandet* (1833) apresenta a crítica balzaquiana ao “novo mundo” burguês. Na obra citada, Balzac pinta um retrato eloquente da sociedade francesa do século XIX, bem como do materialismo reinante da época, retrata a avareza desmesurada de Sr. Grandet, que é caracterizado como sendo um homem sem escrúpulos e que valoriza até o brilho e o tilintar do dinheiro, símbolo da sua ascensão social e financeira. O dinheiro é a medida e o critério de avaliação de todos os aspectos da vida, inclusive os mais íntimos e pessoais. Com dinheiro, compra-se até o amor.

A narrativa apresenta a preocupação de Balzac em retrataras fortes diferenças e comportamentos sociais da época, além de priorizar o individualismo fanático, opressor e obcecado do senhor Grandet pela sede de aumentar suas riquezas a cada dia. Através de uma descrição minuciosa de autenticidade da época, da sociedade e do comportamento humano, Balzac enriquece nosso conhecimento a cada página lida, nos mostra a possibilidade do endurecimento da alma diante da ascensão material.

Eugênia Grandet – Um breve resumo da obra

A obra possui uma narrativa simples e retrata a escalada individualista de um plebeu que valoriza somente o brilho enriquecedor do ouro, das modas que tilintam em seu ouvido.

O romance *Eugenia Grandet* é datado de 1833 e apresenta a pequena cidade francesa de Saumur na qual os princípios da ascensão da burguesia eram vistos claramente na figura do Pai Grandet, velho tanoeiro abastado que, aproveitando-se da Revolução Francesa, uniu seu dinheiro ao dote da mulher para construir uma grande fortuna, que lhe trouxe o prestígio de ser o homem mais rico daquela região, um vitorioso na visão do povo daquela época.

O Pai Grandet era um homem sovina, extremamente materialista e individualista, escondia toda sua fortuna da esposa, da filha e da empregada Nanon; não se preocupava com

luxos e ostentações, portanto, a pequena cidade era seu porto seguro, já que não propiciava tais gastos. Tendo uma única filha, Eugênia, o Pai Grandet tinha grandes planos para a herdeira, que era disputada por dois representantes de famílias tradicionais do local, a família Cruchot e a família Des Grassins, que lutavam avidamente pela mão da jovem.

Já a mãe, descrita por Balzac (1981, p. 34) como “uma mulher seca e magra, amarela como um marmelo, desajeitada, lerda; uma dessas mulheres que parecem feitas para ser tiranizadas” nos lembra os casos em que se depositam todas as esperanças nos filhos.

Sr. Grandet tinha um irmão que não seguia a cartilha de contenção de gastos, era o Sr. Grandet de Paris, que tinha um único filho, chamado Carlos. Depois de gastar seus bens e encontrar-se em dívidas, o Tio Grandet mandou o filho passar um tempo com o irmão de Saumur. Sr. Grandet recebe a carta de suicídio do irmão que estava em concordata e se vê diante de um pesadelo: o sobrinho em sua casa.

O desenrolar da trama é o conflito de interesses entre esses personagens: uma filha que quer casar com o primo, pois foi tomada por uma paixão intensa pelo primo da capital, tão fino nos tratos e tão sensível nas palavras; o primo que quer casar com a fortuna dela; o pai que impede que isso ocorra a qualquer custo; uma mãe que padece do sofrimento da filha e a empregada que ajuda Eugênia nas mentiras e cuidados excessivos com o primo.

Carlos Grandet chega para apaixonar todas as mulheres do lar. Sua chegada quebra toda a monotonia e desperta em Eugênia sentimentos jamais acessos em seu coração, o que a faz querer agradar o primo, abrindo mão de suas economias para proporcionar certo conforto a ele, gastando em pratos diferentes, velas, etc. Sr. Grandet percebe estas mudanças e decide enviar o sobrinho às Índias para ele refazer a riqueza da família.

Eugênia, para demonstrar seu amor, resolve entregar-lhe todas as economias que o pai lhe presenteara nos aniversários ao longo dos anos. Para agradecer, o primo beija-a no corredor da casa e vai embora com a promessa de espera por parte da prima.

Algum tempo depois, Eugênia perde a mãe e após alguns anos, o pai. Após a morte do pai, Eugênia torna-se herdeira de uma grande herança. Mas a moça não foi corrompida pelo dinheiro, seu único desejo era o retorno do seu bem amado. Usa o dinheiro com justiça e mantém o mesmo estilo de vida que seu pai impôs a sua família. Por outro lado, Carlos em sua busca de refazer a riqueza da família acaba sendo corrompido pela fome de poder. Ele esquece as juras de amor feitas à Eugênia e escreve anunciando-lhe seu casamento com uma marquesa, enviando-lhe uma ordem de pagamento do dinheiro que ela havia lhe emprestado. Ferida por ter sido trocada por uma situação financeira mais favorável que a sua (ao menos assim julgava Carlos) Eugênia descobre que o pai da noiva de Carlos não permite o casamento por conta das

dívidas do pai do rapaz. Então, ela propõe ao seu antigo pretendente Sr. Cruchot, amigo de seu pai, que quite as dívidas de seu tio, em troca do favor casaria-se com ele, mas seria um casamento de fachada. Dessa forma, Carlos descobre que Eugênia é dona de uma fabulosa riqueza e que ele acabou por perder um grande negócio.

Assim, ao término do livro, Eugênia fica viúva mantendo a rotina de uma vida simplória, de costumes simples e privações, as quais o pai a acostumara. Para sua existência o dinheiro não fazia o menor sentido, ele apenas havia distanciado a pessoa que amara e destruído qualquer possibilidade de felicidade.

Diferentemente das histórias que ouvíamos quando criança, este romance não terminou com “viveram juntos e felizes para sempre”. Juntos não, mas felizes talvez, cada um a sua maneira, com seus valores e suas escolhas.

Segundo Denis de Rougemont (1988), o amor foi o tema preferido de poetas e romancistas durante séculos, o que percebemos ainda no presente século XXI. Atualmente impõem-se certo ideal de casamento, relacionando-o ao amor e a paixão. Mas será que os interesses financeiros, familiares e religiosos não estão mais presentes nesta escolha? Será que este amor permite a liberdade e a realização pessoal? Será que a união conjugal perdura por amor ou por conveniência? No capítulo a seguir, apresentaremos uma concisa concepção de união conjugal ao longo dos séculos.

União conjugal: conveniência ou relação amorosa

O casamento de Eugênia com Sr. Cruchot diverge dos princípios românticos, é um casamento arranjado, pois se trata de uma união por conveniência e, além disso, a noiva exige que o futuro marido não mantenha esperanças de consumir a relação. Pensar na união conjugal como um acontecimento que se modifica conforme o contexto histórico nos faz considerar diferentes concepções de amor e interesses envolvidos no casamento.

No Cristianismo, o amor era considerado incondicional e o casamento era visto como uma união visando à propagação dos filhos de Deus pela constituição da família. Contrariando este cenário, surge no séc. XII o amor cortês, como uma recusa às normas e padrões estabelecidos pela Igreja e pela sociedade. Este amor aparece, por um lado, enfatizando o aspecto do amor-paixão enquanto sofrimento e desejo insatisfeito, residindo sua felicidade justamente na aceitação da própria renúncia carnal; e por outro lado, há uma laicização do objeto de amor, onde a mulher, "a dama", entra em cena como objeto do amor inalcançável.

Em meados do século XVI, o casamento não era exatamente relacionado a sentimentos, mas sim, era um sacramento, uma cerimônia oficial. Ao longo da Idade Média o casamento só era legítimo se colocado a serviço da prole, da família, estava longe de ser um encontro amoroso entre homens e mulheres. No Renascimento, o casamento era um negócio de longa duração que não podia começar sem a opinião de parentes e amigos. Então, segundo as leis das casas aristocráticas, não era permitido casar-se por prazer ou sem o consentimento daqueles que se devia obediência. Nesta época, elimina-se o amor relacionado à paixão, o marido estava lá para comandar e a mulher para obedecer.

Os séculos ditos “modernos” do Renascimento, não foram tão modernos assim. Mulheres jovens de elite eram vendidas como um objeto qualquer no mercado matrimonial. Excluía-se o amor destas transações e proibiam-se as relações sexuais antes do casamento.

Durante o século XVII, autores como Descartes, filósofo francês, tentaram explicar a natureza do amor como fruto da emoção da alma e agitação do desejo. O amor seria oblação, dedicação e abandono de si; e o desejo, seria posse, narcisismo e egoísmo. O erotismo era visto como ruinoso e a paixão podia ser fatal. O amor no casamento consolidava-se na representação da “perfeita amizade” ou da união de duas almas por meio do amor divino.

No século XVIII, na Época das Luzes, o casamento foi objeto de um movimento literário ambíguo. Inspirada na mitologia medieval e cortesã, a paixão pré-romântica se apresenta em uma sociedade aristocrática em busca de prazeres, mas com preocupações de valorizar a inocência e a virtude. Os escritores, na época da Revolução Francesa, associavam o culto romântico da paixão mais estritamente à dor do que à felicidade. Os casamentos aconteciam por razões econômicas e políticas e duravam a vida toda.

O ideal do amor romântico, que chegou a seu auge no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, consistia em um projeto amoroso, uma proposta filosófica e política para a sociedade burguesa em ascensão. O amor devia ser a base da construção da família, pilar da sociedade.

Enfim, podemos perceber que tanto o amor cortesão quanto o amor romântico fazem parte de determinada época ou cultura, mas como a cultura muda com o tempo, a concepção de amor que foi boa em determinada época pode se tornar anacrônica em outra. No passado, casamento e amor eram duas coisas quase incompatíveis. A maioria dos casamentos ocorria por pura conveniência, principalmente a financeira. Casamento era um acordo entre duas famílias, que se uniam através do matrimônio para garantirem a base dos seus negócios.

Amor provinciano de Eugênia e Carlos Grandet

Segundo Balzac (1981), em certas cidades de província encontra-se alguns tipos dignos de estudo, caracteres cheios de originalidade, existências tranquilas e devastadas secretamente por tumultuosas paixões. Eugênia é um exemplo típico. Ela é o retrato de um ser ingênuo provinciano no qual o amor penetrou. A chegada do primo Carlos é o ponto de partida para despertar este sentimento dentro dela. Para ela, Carlos é o amor pleno, pois acredita que só nele encontrará a felicidade. Rougemont (1988, p.197) já dizia que “aquele que ama apaixonadamente alcança um nível de humanidade superior, onde as barreiras sociais desaparecem.”

Eugênia e Carlos trocam dois únicos beijos e isso é o bastante para que Eugênia acredite que seu primo é o seu único amor. “(...) depois desse beijo tomado no corredor, as horas fugiam para Eugênia com tremenda rapidez” (BALZAC, 1981, p.150).

Através do amor por Carlos, Eugênia começa a tomar alguma consciência da sua condição. “Sua vida ignorante cessara de repente: ela raciocinou, fez mil censuras. - Que ideia fará ele de mim? Pensará que o amo. - Era precisamente o que ela mais ansiava fazê-lo acreditar.” (BALZAC, 1981, p. 105) O amor tocou Eugênia e ela começou a ver o mundo com outros olhos. O amor tornou-a mais ousada, mais perspicaz e menos submissa. “Chegara para Eugênia o momento de ver claro as coisas deste mundo” (BALZAC, 1981, p.69).

Para Eugênia, ao contrário de seu pai, o dinheiro era apenas um meio para atingir objetivos. Assim, ela entrega suas moedas e jóias ao amado, antevendo dificuldades que ele poderia encontrar. Ela tem plena noção do que isso lhe acarretará, mas não poupa esforços para fazer a felicidade do primo. “Aqui estão – disse ela - as economias de uma pobre moça que não precisa de nada. Carlos, aceite-as. Ainda esta manhã eu ignorava o que era dinheiro, você me ensinou: não passa de um meio, apenas isto.” (BALZAC, 1981 p.137). Carlos, fragilizado com a morte de seu pai e comovido pelo carinho e atenção que encontrou na província, particularmente em Eugênia, aceitou o empréstimo da prima respondendo-lhe: “Entre nós o dinheiro nunca será nada, não é? O sentimento, que é só o que faz dele alguma coisa, será tudo daqui por diante” (BALZAC, 1981, p. 139).

Carlos se emociona e promete retornar das Índias rico para se casar com a prima. Neste sentido, percebemos que o jovem, inicialmente, parece não se dar conta ou não se importar com as diferentes realidades que regem este relacionamento. Entretanto, durante a viagem em busca de restabelecimento financeiro, Carlos compreende que Eugênia com sua personalidade simplória e provinciana não corresponde à sua ambição de riqueza, elegância e nobreza. Assim sendo, a paixão nutrida por Carlos não perdura, pois as diferenças são muito acentuadas. Já Eugênia, apesar de rica, não tem as mesmas aspirações que seu primo, ela se acostumou à vida e aos

hábitos provincianos e domésticos e não aspira viver de modo diferente. Um casamento por amor é tudo o que ela deseja.

Quando Carlos parte para as Índias, Eugênia permanece alimentando o sentimento que sente por ele. Quem já viveu uma paixão compreenderá os tormentos de Eugênia. As mulheres geralmente sofrem e padecem mais que os homens. “Assim fazia Eugênia. Iniciava-se seu destino. Sentir, amar, sofrer, (...)” (BALZAC, 1981, p.159). Eugênia começava a sofrer.

O pai de Eugênia morre, ela herda uma grande fortuna. Com isso, muitos pretendentes aparecem, mas ela continua fiel àquele que acredita ser o amor pleno, Carlos. “O primeiro, o único amor de Eugênia era para ela uma fonte de melancolia. (...) dera-lhe o coração entre dois beijos furtivamente aceitos e retribuídos; e daí ele partira, colocando um mundo entre ambos.” (BALZAC, 1981, p. 197)

Passam-se sete anos e a lembrança da prima de Saumur, da casa, do jardim e do beijo tomado no corredor apagavam-se em Carlos. “Eugênia não lhe ocupava nem o coração nem os pensamentos, ocupava um lugar em seus negócios como credora de uma soma de 6000 francos” (BALZAC, 1981, p.202). Portanto, Carlos envia-lhe uma carta. Nela ele afirma que nada resiste ao tempo, infelizmente havia passado o momento das ilusões e que “o amor, no casamento, é uma quimera” (p. 208), ou seja, para ele não existe amor, mas uma troca de interesses. Esse é Carlos, um jovem delicado que desperta o amor da protagonista, mas que é influenciado pelo meio em que vive. Seu coração esfriou, contraiu-se, secou e o sangue dos Grandets não renegou seu destino, Carlos tornou-se duro e ganancioso.

Vendo-se abandonadas, algumas mulheres fazem loucuras, outras sofrem em silêncio, se resignam. Esse foi o sentimento de Eugênia após ler aquela carta. “Isso é amor, amor verdadeiro, amor dos anjos, amor altivo que vive de sua dor e dela morre.” (p.210) Carlos foi para sua prima a personificação do amor, como este amor lhe foi negado, a única saída foi adormecê-lo novamente.

Nem as palavras duras fazem Eugênia perder o amor que sentia por Carlos, ao contrário ela adormece esse sentimento dentro de si. Assim, Eugênia casa-se por uma necessidade social e fica viúva aos trinta e três anos. Sra. de Bonfons, rica e bela, “apesar de suas oitocentas mil libras de renda, vive como vivera a pobre Eugênia Grandet” (p. 222).

Rougemont (1988, p. 195) descreve a paixão como uma “experiência suprema que todo homem deve um dia conhecer, e somente aqueles *que passarem por ela* poderão viver a vida em uma plenitude.” Mas, o autor também comenta que “a paixão e o casamento são por essência incompatíveis. Suas origens e seus objetivos são excludentes.” (ROUGEMONT, 1988, p.195)

Considerações Finais

Considerando o tema abordado é possível pensar a literatura no âmbito de cunho cultural e emocional. O autor faz com que você se reconheça na obra literária, faz com que você reconheça outras pessoas com as mesmas características e situações semelhantes a que vivemos. Ler torna-se uma autorreflexão, uma análise pessoal e intrapessoal.

Balzac via a burguesia como uma classe doente pela busca insaciável do enriquecimento, sacrificando sua vida e a dos que a rodeava. A personagem, título do livro, vai se transformando ao longo da obra. De personagem ingênua e acostumada à vida de pobreza imposta pelo pai, ela envereda num romance que vai construir uma personalidade mais forte, que se consolida ao final quando se torna uma cópia do pai: inteligente e astuta quanto aos interesses e assuntos financeiros.

A literatura pode ser considerada um instrumento de comunicação e de interação social que nos transmite conhecimento e cultura de uma determinada comunidade ou época; ela nos proporciona a mais acessível e rica forma de integração entre o passado e o presente. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre o escritor, leitor e sociedade, porque através de suas obras o artista poderá transmitir sentimentos e ideias do mundo, levando o leitor à reflexão, auxiliando no processo de transformação social e cultural. Sendo assim, podemos perceber a relevância da obra literária na vida humana em aspectos linguísticos, socioculturais e psíquicos.

Com as análises teóricas, podemos verificar como a leitura pode ser uma experiência criadora de mundos através de elementos verossímeis e da reflexão da própria vida do leitor. As narrativas falam sobre experiências de vida e nós aprendemos através de narrativas que nos são contadas e que contamos.

Neste estudo, nos deparamos com uma narrativa sobre o amor e a união conjugal. O tempo passa e o cenário muda, mas será que essa narrativa e os interesses envolvidos no relacionamento conjugal continuam os mesmos? Em nossa sociedade atual, com certeza ainda há casamentos sustentados por interesses diversos, mas por uma escolha direta dos envolvidos e não mais uma imposição familiar, com exceção de algumas partes do mundo, onde por uma questão cultural dos povos e da sociedade, o casamento ainda é “arranjado”. Mas, o amor é o único responsável pela união, pelos casamentos ou por relacionamentos verdadeiros? Geralmente culpamos os outros pelas nossas falhas em construir relacionamentos afetuosos, compromissos verdadeiros e duradouros. Acredita-se que este estágio de conscientização referente amor, relacionamento e casamento não é uma tarefa fácil na vida humana.

Referências

- BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Tradução de Vidal de Oliveira et al. Rio de Janeiro: Globo, 1953.
- BALZAC, Honoré de. *Eugênia Grandet*. Tradução de Moacyr Werneck de Castro. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- D'ONÓFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- GAI, Eunice T. Piazza. *Narrativas e Conhecimento*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 2 - p. 137-144 - jul./dez. 2009.
- PRIORE, Mary Del. *Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno*. Revista Estudos de Religião, ano XXI, n.33, 121-135, jul/dez 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/191/201>. Acesso em 17 de maio de 2014.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel B. Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1988.
- SANTORO, Fernando. *Aristóteles e a arte poética*. In: Os filósofos e a arte. Rafael Haddock-Lobo (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- WIKIPEDIA. *Honoré de Balzac*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Honor%C3%A9_de_Balzac. Acesso em 15 de maio de 2014.

Chegou: 18-02-2015

Aceito: 08-04-2015